

A Ermida de Nossa Senhora da Assunção de Messejana: Conjugação de influências num exemplar arquitectónico da 2ª metade do século XVIII

Ana Maria de Mira BORGES *

Luís MARINO **

Apresentação

A presente comunicação inscreve-se na área temática *Arte e Peregrinação* e visa chamar a atenção para um santuário de grande originalidade arquitectónica, situado num local periférico, quer em termos geográficos, quer artísticos.

A Ermida de Nossa Senhora da Assunção, documentada desde o século XV, com a designação de Nossa Senhora de Entre as Vinhas¹, topónimo intimamente ligado à paisagem agrícola mediterrânea, situada nos termos da Vila de Messejana, foi ao longo dos séculos um importante local de peregrinação², o que determinou as sucessivas campanhas de obras que sofreu³, até à que lhe dá a sua fisionomia actual, posterior ao Terramoto de 1755.

A Vila da Messejana, se é hoje uma freguesia do Concelho de Aljustrel, foi entre 1521 e 1855, sede de concelho⁴ e, como é referido no Dicionário Geográfico, de 1758, uma das maiores povoações da comarca de Ourique⁵.

Apesar dos constrangimentos nomeadamente demográficos, vividos actualmente naquela região, permaneceram alguns exemplares patrimoniais que são efectivamente a memória de outros tempos, nas quais se enquadra a ermida aqui apresentada.

* Delegada Regional da Cultura do Alentejo – Assistente convidada da Universidade de Évora.

** Arquitecto – Chefe de Divisão da Delegação Regional da Cultura do Alentejo.

¹ Designação que mantém até ao século XVII (veja-se Pe. João Rodrigues Lobato, *Aljustrel – Monografia, Aljustrel*, Câmara Municipal de Aljustrel, 1983, p. 213.

² A importância deste Santuário como local de peregrinação foi alvo de estudo, de carácter antropológico, num artigo de Guadalupe Brak-Lamy e João Lourenço, designado “Festa de Santa Maria em Messejana”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 6, 1997, pp. 95-104.

³ Luís Pitas; Maria da Graça Dias, “A Ermida de Nossa Senhora da Assunção – Santuário de Messejana (Messejana/Aljustrel)”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 8, 1999, pp. 9-22.

⁴ Pe. João Rodrigues Lobato, *Op. Cit.*, p. 199

⁵ ANTT, *Dicionário Geográfico das Cidades, Vilas e Paróquias de Portugal*, vol. 23, Lisboa, 1758, v. 23, nº 101, fs. 671-671 vs.

Introdução

Não é possível tentar uma leitura correcta da ermida em estudo sem, em primeiro lugar, levantar alguns aspectos de cariz historiográfico.

Assim, sobre este exemplar arquitectónico existem alguns trabalhos editados, no âmbito da história local, que levantam questões pertinentes, algumas das quais, até ao momento, não foram comprovadas⁶. De facto, se os elementos que nos fornecem são de indiscutível validade, há contudo, quer no âmbito da investigação, quer da leitura do edifício e da história de arte, muito ainda a fazer.

Situemo-nos no contexto da arquitectura barroca do século XVIII, em Portugal, marcada fundamentalmente pelos empreendimentos régios de D. João V e pela originalidade do ciclo genericamente designado de barroco do Norte.

A historiografia mais recente aponta também para a existência do chamado “ciclo do Alentejo”⁷, onde se inscrevem como fundamentais as intervenções, num primeiro momento, de João Antunes, na Igreja de Santiago, em Alcácer do Sal, e da sua réplica, a Matriz de Castro Verde e a reconstrução da ábside da Sé de Évora, por João Frederico Ludovice, a que se seguiram, efectivamente, uma série de construções que, de alguma maneira, fugiram às tradições clássicas e à tipologia das plantas características da arquitectura chã.

Neste ciclo, englobam-se várias igrejas Alentejanas, onde se destacam S. João Baptista, em Campo Maior (1734), claramente influenciada pelo Menino de Deus, de Lisboa, a Igreja dos Mártires, em Fronteira, a Igreja da Lapa, em Vila Viçosa, a Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, em Évora, para além da Igreja da Piedade de Elvas, também ela local de peregrinação, e sobre a qual nos deteremos mais particularmente, no tocante à sua fachada, e a ermida em estudo – Nossa Senhora da Assunção.

Infelizmente, quanto à personalidade dos criadores, arquitectos e mestres pedreiros, para além de José Francisco de Abreu⁸, ou do Padre oratoriano João Baptista, que projectou o Santuário de Nossa Senhora de Aires, em Viana do Alentejo, pouco ou nada se sabe.

Não pondo em causa o estudo da produção artística, numa perspectiva globalizante, é nossa preocupação actual a análise isolada do exemplar, confrontando-o com outros trabalhos da mesma época.

Deste modo, passaremos a analisar esta ermida, individualmente, não ignorando, porém, dois espécimes, seus contemporâneos, onde as semelhanças, a nível da fachada, são demasiado evidentes.

⁶ Referimo-nos aos trabalhos dos investigadores Notário Soares Victor, Pe. João Rodrigues Lobato, Maria da Graça Dias, Luís Pita e Francisco Soares Vitor Paquete.

⁷ Veja-se José Fernandes Pereira, “O Barroco do Século XVIII” in *História da Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 51-85; *Idem*, “Arquitectura Religiosa” in *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, pp. 42, 47; Nelson Correia Borges, *História de Arte em Portugal – Do Barroco ao Rococó*, vol. VII, Lisboa, Editora Alfa, 1986; Paulo Varela Gomes, *A Arquitectura Barroca em Portugal*, Lisboa, 1997, não esquecendo o pioneirismo dos trabalhos de Mário Tavares Chicó.

⁸ Veja-se José Fernandes Pereira, *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, pp. 13-14.

A Ermida de Nossa Senhora da Assunção

O exemplar em estudo, na sua fisionomia actual apresenta, como se poderá detectar, um programa tradicionalista e conservador, ao nível da tipologia da sua planta, a par de um exterior assumidamente barroco, onde a preocupação do movimento, dos contrastes da luz e da sombra e de uma clara preocupação erudita são perceptíveis, alargando-se mesmo à escadaria que lhe dá acesso. Entre outros aspectos, não podemos, neste primeiro olhar, esquecer que estamos perante um local de peregrinação onde, mais uma vez, se investe no exterior do edifício, na sua fachada e mesmo na envolvência, já que são estas as zonas em primeiro lugar acessíveis ao público.

Documentalmente apurou-se que a ermida experimentou grande ruína, quando do Terramoto de 1755, e “se está fazendo de novo, muito melhor do que era, por terem concorrido os devotos em grandes esmolas”⁹. Investigadores locais como, por exemplo, o autor da monografia de Aljustrel referem que a ermida foi reedificada pelos emigrantes do Brasil e todo o povo em 1759¹⁰; quanto aos emigrantes do Brasil, não conseguimos encontrar fontes que documentem tal facto. Lembremos, no entanto, que o estudo das relações artísticas entre Portugal e o Brasil está ainda quase todo por fazer, apesar de, no domínio da história, já existirem bastantes trabalhos. Acresce ainda que os estudos existentes são normalmente relacionados com a influência da arte portuguesa no Brasil, e não o inverso. Porém, se para o Norte de Portugal existem já trabalhos na área da história de arte, focando ambas as situações¹¹, o mesmo não se passa no Alentejo, até pelos condicionalismos histórico/demográficos, inerentes a esta região.

Em síntese, estamos perante uma construção em que o interior de uma só nave rectangular (sem os cantos cortados) e capela – mor, segue os modelos da arquitectura chã e contrasta com os aspectos verdadeiramente inovadores, do seu exterior: As duas dependências de planta hexagonal que se ligam de um e outro lado à capela-mor, numa tipologia pouco comum e que poderá, eventualmente, inspirar-se em modelo erudito¹², bem como ao nível da fachada a colocação oblíqua, das duas torres, face ao registo central.

Como é sabido, é a cultura artística do encomendador e o autor, que determina a maior ou menor erudição ou inovação dos edifícios.

⁹ ANTT, *Dicionário Geográfico das Cidades, Vilas e Paróquias de Portugal*, vol. 23, Lisboa, 1758, nº 101, fl. 671 vs.

¹⁰ Lobato, *Op. Cit.*, p. 217.

¹¹ Vejam-se, a título de exemplo, os seguintes trabalhos: Eduardo Pires de Oliveira «“Brasileiros” e bracarenses na construção da arte do século XVIII bracarense e “brasileira”» in *III Colóquio Luso – Brasileiro de História da Arte – A Arte no espaço Atlântico do Império Português*, Évora, Ed. Comissão organizadora do III Colóquio Luso – Brasileiro de História da Arte, 1997, pp. 129-149; Manuel Joaquim Moreira da Rocha, *A Capela de Santo Ovídio de Caldelas – Um projecto vindo do Brasil*, Separata da Revista *Museus*, IV série, nº 3, 1995.

¹² Veja-se o artigo de Paulo Varela Gomes, “As Iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa 1648-1698”, *Penélope*, nº 9/10, Lisboa, 1993, pp. 73-82.

Neste caso, até ao momento, apenas apurámos que aos vinte e dois dias do mês de Setembro de 1758 é lavrada escritura de contrato de obrigação¹³ entre o capitão Marcos Alberto Palma¹⁴, regente das obras de reconstrução do templo e três oficiais pedreiros, todos eles algarvios, a saber Diogo Tavares de Brito, da cidade de Tavira, Miguel da Costa, da cidade de Faro, e Manuel José da Costa do lugar de Estói, referente à pedra de cantaria para a obra de Nossa Senhora da Assunção, pelo preço de quatrocentos mil réis.

Uma leitura atenta do presente contrato, fornece-nos informações preciosas no tocante às cantarias provenientes da pedra de Santiago do Cacém e da pedra do Serro das Pias, termo de Ourique mas, é omissa, em relação às obras de arquitectura. Detecta-se ainda que o maior investimento é ao nível do portal principal e da janela que o encima, dos portais laterais (norte e sul), ao nível da cabeceira (arco triunfal e degraus da capela) e das sacristias. São ainda referidos outros equipamentos: dois púlpitos, um lavatório e seis pias. Poderemos, porém, colocar a hipótese que o presente contrato, possa suceder a um anterior, que nós desconhecemos, ou que tenham existido, com o mesmo conjunto de oficiais, outras encomendas.

Detenhamo-nos então sobre o encomendador Marcos Alberto Palma, capitão – mor da Vila de Messejana e mordomo da confraria entre 1758 e 1759. Sobre a sua cultura artística, nada sabemos. No entanto, os seus laços familiares ligam-no a uma elite letrada da província, da qual se salienta seu irmão António Bernardo Palma, formado em leis, na Universidade de Coimbra, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Provedor e Corregedor de Beja e Superintendente dos tabacos da Província do Alentejo. Também seu cunhado Dr. António d'Almada Pereira de Guivarra Macedo, natural de Messejana e seu prior de 1759 a 1780, era formado em cânones pela Universidade de Coimbra e faleceu em Tavira, sendo prior de Santa Maria de Tavira e Juiz da Ordem de Santiago daquela comarca¹⁵.

Quanto aos oficiais pedreiros, surge-nos, em primeiro lugar, Diogo Tavares de Brito, da cidade de Tavira. Tudo indica que Diogo Tavares, referido como sendo de Tavira, seja, afinal, o mesmo Diogo Tavares, por vezes também designado como Diogo Tavares de Ataíde, considerado o mais importante mestre pedreiro do Algarve, em meados do século XVIII, e muito activo em Tavira, neste mesmo período¹⁶.

¹³ ANTT, Cartório Notarial de Ourique, Julgado de Messejana, 1758, Setembro, 22, cx. 4, liv. 21, fls. 90v-92.

¹⁴ Capitão de ordenanças e mordomo da confraria de Nossa Senhora da Assunção, entre 1758 e 1759.

¹⁵ Francisco Soares Vitor Paquete, “Almada Negreiros/Messejana e Aljustrel” *Messejana d'algum Dia... – Cadernos Culturais*, III, Messejana, Junta de Freguesia de Messejana, 1993-1995, p. 13.

¹⁶ Agradece-se a informação disponibilizada pelo Prof. Doutor Francisco Lameira. Veja-se Francisco Lameira, Francisco Fonseca e Ataíde, *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 52; *Idem*, *Faro, a Arte na História da Cidade*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999, pp.71-73; Daniel Santana, “O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira”, *Monumentos*, nº 14, pp. 125, 133.

Se o percurso artístico deste artista já é conhecido através dos trabalhos dos citados investigadores, saliente-se, contudo, ser filho do mestre entalhador Diogo Tavares de Ataíde e ter deixado realizações únicas em território algarvio, pela capacidade que tinha em projectar dentro dos modelos e formas barrocas que tardavam a ser introduzidas no Algarve ¹⁷.

Quanto a Miguel da Costa e Manuel José da Costa, ambos da cidade de Faro, poder-se-á apenas referir que Manuel José é presumivelmente o canteiro que surge a colaborar com Diogo Tavares em 1749 no claustro tavirense do Convento de Nossa Senhora da Graça ¹⁸.

Mas voltemos à fachada e à sua problemática. Dá-lhe acesso o escadório que, no entanto, se assume também com uma clara dinâmica barroca. Apresenta-nos a fachada um registo central, onde se abre o portal, encimado por janelão, utilizando ambos cantaria, e coroando o portal o escudo real de D. José I e a coroa.

A ladear o registo central, duas torres colocadas de forma oblíqua, numa atitude manifestamente barroca, produzindo movimento em toda a fachada.

É esta colocação das torres, rara na arquitectura portuguesa mas, largamente utilizada no Brasil na sequência da construção da Igreja da Conceição da Praia, que nos levanta inúmeras questões.

É sabido que esta disposição se encontra na fachada inacabada da Capela Romana de S. Maria del Sette Dollori (1652 – 1668), obra da autoria de Borromini, que a deve ter inventado.

No reino de Portugal iremos na 2ª metade do século XVIII, encontrar esta mesma tipologia na Igreja do Senhor Jesus da Piedade, em Elvas, construída entre 1753 e 1779 ¹⁹, e correspondente a uma planta de uma só nave rectangular, mas de ângulos cortados, e na Igreja da Conceição da Praia, em Salvador da Baía (Brasil), iniciada em 1739 e havendo notícia que em 1756 está bem avançada, com uma parte das torres já em pé ²⁰.

Ao contrário do anterior exemplar, encontra-se documentado, sendo o seu arquitecto Manuel Cardoso Saldanha e a direcção das obras a cargo de Eugénio da Mota ²¹. Porém, como refere Pedro Dias, a Igreja da Conceição da Praia não é o espelho da arquitectura do Brasil – colónia, mas sim da excepção. No entanto, é o espírito das vanguardas intelectuais e do saber técnico dos melhores artistas que viviam nas colónias ²².

Entre os três exemplares referidos há, no entanto, assinaláveis divergências, que se prendem com vários factores; apontaremos apenas alguns, que considerámos capitais.

¹⁷ Daniel Santana, *Op. Cit.*, p. 131.

¹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 132.

¹⁹ Jorge Rodrigues, Mário Pereira, *Elvas*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 80-83 .

²⁰ AAVV, *O Bicentenário de um Monumento Bahiano*, Salvador – Bahia, 1971, pp. 128.

²¹ Pedro Dias, *História de Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Atlântico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 422, 423; AAVV, *O Bicentenário de um Monumento Bahiano*, Salvador – Bahia, 1971, pp. 92-118.

²² Pedro Dias, *Op. Cit.*, p. 423.

Assinale-se, em primeiro lugar, a dicotomia urbano/rural. S. Salvador da Baía era capital da maior colónia portuguesa, uma grande metrópole comercial, “uma nobre e opulenta cidade” onde “a riqueza dos seus monumentos eclesiásticos, impressionava os viajantes”²³. Elvas é uma cidade militar, estrategicamente situada e que só deixou de desempenhar essa função no nosso século, quando da alteração das estratégias defensivas. A este seu papel acresce a sua importância política e religiosa já que entre 1570 e 1882 foi sede de bispado.

Messejana é exemplo de uma vila do interior do Alentejo, em que o ruralismo e a fraca densidade populacional são as notas dominantes.

Na sequência do exposto, também os meios financeiros disponíveis são completamente diversos. O poder económico da irmandade do Santíssimo Sacramento e da Confraria da Imaculada Conceição permitiram a demolição da anterior igreja e a construção de um novo edifício “mais digno do culto de Deus vivo, e de uma freguesia tão rica e populosa”²⁴. Como é sabido, os encomendadores resolveram, inclusivamente, mandar vir a pedra para a nova construção de Lisboa. E houve ainda o patrocínio régio, quando as despesas ultrapassaram as possibilidades económicas das confrarias.

Por último, se as anteriores igrejas são construídas de raiz, a ermida em estudo é uma reconstrução.

A estrutura primitiva do templo mantém-se; todo o esforço construtivo e decorativo se reporta ao exterior; o interior permanece extremamente austero, com excepção da capela – mor onde existe a preocupação de a dotar com um retábulo de talha, claramente rococó. No que respeita a esta intervenção, até ao momento apenas se conseguiu apurar que o mordomo da confraria, Pedro Álvares da Costa, em 13 de Outubro de 1773, encomenda ao pintor Manoel José da cidade de Lisboa, pela quantia de 172.800 réis, o douramento “da Tribuna da Senhora por fora e por dentro”²⁵.

Completa-se a decoração com a utilização de painéis figurativos de azulejos azuis e brancos, cujas cenas, dedicadas a temas marianos, apresentam já molduras claramente rococós.

Curiosa é ainda a reutilização de materiais, como se pode verificar, a título de exemplo, nas escadas que dão acesso ao camarim do retábulo do altar – mor onde os azulejos padrão, do tipo maçaroca, são reaproveitados nos espelhos dos degraus, bem como as portas que lhe dão acesso, de madeira exótica, claramente seiscentistas.

Há contudo a preocupação de a tornar “muito melhor do que era...”

²³ AAVV, *Op. Cit.*, pp. 89 e segts.

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 93.

²⁵ A.H.C.M.A., *Confrarias, Livro das Arrematações e Inventário das Rendas e Foros de Nossa Senhora da Assunção, 1745-1827*, p. 15.

Conclusão

Conscientes de não apresentarmos uma leitura definitiva para este edifício e de deixarmos em aberto inúmeras questões, primordialmente existiu a intenção de divulgar e chamar a atenção dos investigadores e também do público, em geral, para um exemplar arquitectónico, de grande originalidade, que com certeza poderá trazer novos contributos para o estudo da arquitectura barroca do Alentejo.

Por último, não podemos deixar de agradecer ao Exm^o. Sr. Prof. Doutor Jaime Ferreira Alves, que de perto acompanhou e orientou esta investigação, e ao Exm^o senhor Prof. Doutor Francisco Lameira que nos forneceu importantes informações.

Fontes Manuscritas

ANTT., *Dicionário Geográfico das Cidades, Vilas e Paróquias de Portugal*, volume 23, Lisboa, 1758.

ANTT., Cartório Notarial de Ourique, Julgado da Messejana, cx.4, livro 21.

A.H.C.M.A., Arquivo da Câmara Municipal de Messejana, Confrarias, *Livro das Arrematações e Inventário das Rendas e Foros de Nossa Senhora da Assunção, 1745-1827*.

Fontes Impressas:

VITERBO, Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

Bibliografia:

AAVV, *O Bicentenário de um Monumento Bahiano*, Salvador – Bahia, 1971.

BORGES, Nelson Correia, *História de Arte em Portugal – Do Barroco ao Rococó*, vol. VII, Lisboa, Editora Alfa, 1986.

BRAK – LAMY, Guadalupe, LOURENÇO, João, “Festa de Santa Maria em Messejana”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº 6, 1997.

DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Atlântico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.

GOMES, Paulo Varela, *A Arquitectura Barroca em Portugal*, Lisboa, 1997.

IDEM, “As Iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa 1648 – 1698”, *Penélope*, nº 9/10, Lisboa, 1993.

LAMEIRA, Francisco, ATAÍDE, Francisco Fonseca e, *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

IDEM, *Faro, a Arte na História da Cidade*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999.

LOBATO, Pe. João Rodrigues, *Aljustrel – Monografia*, Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel, 1983.

- OLIVEIRA, Eduardo Pires de, “‘Brasileiros’ e bracarenses na construção da arte do século XVIII bracarense e ‘brasileira’” in *III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte – A Arte no espaço Atlântico do Império Português*, Évora, Ed. Comissão Organizadora do III Colóquio Luso Brasileiro de História de Arte, 1997.
- PAQUETE, Francisco Soares Vitor, “Almada Negreiros/Messejana e Aljustrel” *Messejana d’algum dia... – Cadernos Culturais*, III, Messejana, Junta de Freguesia de Messejana, 1993 – 1995.
- PEREIRA, José Fernandes, “O Barroco do Século XVIII” in *História da Arte Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.
- IDEM, “Arquitectura Religiosa” in *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.
- PITAS, Luís, DIAS, Maria da Graça, “A Ermida de Nossa Senhora da Assunção – Santuário de Messejana (Messejana/Aljustrel)”, *Vipasca – Arqueologia e História*, nº8, 1999.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da, “A Capela de Santo Ovídio de Caldelas – Um projecto vindo do Brasil”, *Separata da Revista Museus*, IV série, nº 3, 1995.
- RODRIGUES, Jorge, PEREIRA, Mário, *Elvas*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 80-83.
- SANTANA, Daniel, “O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira”, *Monumentos*, nº 14, pp. 125, 133.



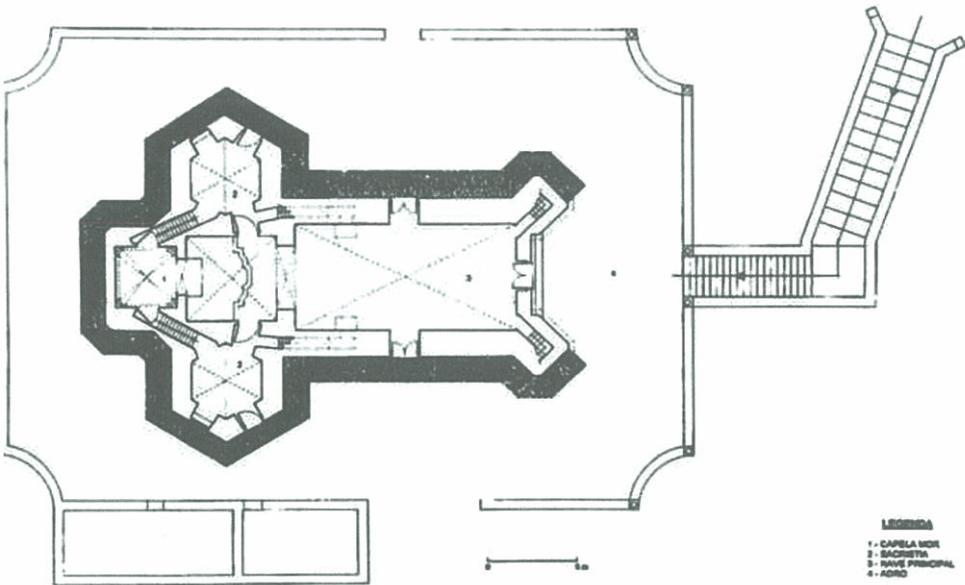
Fachada Principal



Exterior – Alçado Sul – Pormenor da Sacristia



Capela - Mor



Planta reproduzida de desenho realizado na escala 1:100, em Maio de 1998, por Luciano Conceição, e publicado in Vipasca..., nº8, p.14.